METRÔ SUPERLOTADO
CRÔNICA – CENA DO COTIDIANO

Tony e Madonna a distância

Por Gislaine Buosi

O ritmo dos trilhos marca o início do dia. O metrô superlotado transporta não apenas pessoas, como também suas respectivas histórias de vida, que vão e vêm de todos os cantos da cidade. Marina também está ali, o braço estendido, a mão bem firme à alça de segurança que vem do teto de ferro e brilho. Os olhos entreabertos, pesados de sono, atravessam as janelinhas e enxergam o que está longe, do outro lado do globo, e, de repente, fica perto: Madonna enfeita os anúncios ainda luminosos ao longo da via.

"Acorda, Marina!", é o inconsciente que grita, num movimento incessante, que vai dos 80km/h – velocidade máxima permitida, até o freio seco. Um sobe e desce de cabeças, cachecóis, bocejos, violão e marmitas. O formigueiro de homens e conflitos.

Cenas cotidianas, por vezes, surpreendem. Aquele dia de metrô superlotado foi diferente. Em meio a tantos rostos e tantas mãos firmes à alça do vagão que sacolejava, Marina vê – ou é apenas uma miragem? – Antônio Carlos, o Tony da Engenharia, com quem havia repartido sanduíche e coca-cola, um sem-número de vezes, até que... "Puxa vida! Isso não se faz!" O Tony está ali – ou é apenas uma miragem? – a cabeça meio jogada para o lado, a barba por fazer, os fones de ouvido tinindo, os olhos grandes, azuis, acesos. Ela chama o amigo, "Tony!" – a multidão reage, alguns sorriem, outros contestam o vozeirão que desperta o sono, e o Tony não se move, talvez a música clássica soe forte, e Marina toma força para chamá-lo ainda mais alto, "Tony", ela acena, dá um pulinho, fica, por um segundo, acima da multidão, "Tonyyyyy" – ou é apenas uma miragem?

"Estação Barra Funda" – o rapaz salta, leva consigo os fones, os olhos. Deixa, porém, o gosto do sanduíche repartido, as risadas fora de hora e um pedido de desculpas que nunca saiu da garganta.

O metrô está superlotado, ainda. Amanhã é sábado, Madonna em Copacabana. Vou vê-la de longe.